



Pastores com cheiro de ovelhas: A coragem de ir ao encontro dos excluídos da sociedade, a luz do número 49 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco.

*Shepherds with the smell of sheep: The courage to go
out to find those excluded from society, illuminated of
number 49 of the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*,
by Pope Francis.*

Jovanir Gonçalves da Cruz Junior

Resumo

Em comemoração ao decenário pontifício do Papa Francisco, partindo de uma análise do número 49 da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), entre outros textos de Sua Santidade, este artigo, buscará olhar para as “enfermidades curiais”, apontados por Francisco em 2014. Assim como para os “remédios destes males”, os quais o Santo Padre discorreu em 2015. Olhando para a conjuntura da Igreja nos dias de hoje, e reconhecendo a enorme relevância dos apontamentos do Papa ao longo destes dez anos de pontificado, reforça-se o clamor por uma Igreja em saída, que rompe as barreiras burocráticas e conhece a realidade de seu povo. Uma Igreja, que a exemplo do próprio Cristo, no Evangelho segundo Mateus (9,9-13), se põe à mesa com os impuros e pecadores, devolvendo a estes a dignidade. É também todo cristão chamado a ir ao encontro dos excluídos e marginalizados, para apresentar a todos estes a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo. Acolhendo e fazendo de cada um, membros de uma comunidade de fé, a fim de restaurar e lhe dar sentido de vida.

Palavras-Chave: Papa Francisco. *Evangelii Gaudium*. Doenças Curiais. Igreja em saída.



Abstract

In commemoration of the pontifical tenth anniversary of Pope Francis, starting from an analysis of number 49 of the apostolic exhortation *Evangelii Gaudium*, among other texts by Your Holiness, this material will seek to look at the “curial illnesses”, pointed out by Francis in 2014. the remedies for these evils, which the Holy Father discussed in 2015. Looking at the situation of the Church today, and recognizing the enormous relevance of the Pope's notes over these ten years of pontificate. The clamor for a Church on the way out is reinforced, which breaks down bureaucratic barriers and knows the reality of its people. A Church, which, following the example of Christ himself, in the Gospel according to Matthew (9:9-13), sits at table with the impure and sinners, restoring their dignity. Every Christian is also called to go out to meet the excluded and marginalized, to present to all of them the strength, illuminated and consolation of friendship with Jesus Christ. Welcoming and making each one, members of a community of faith, in order to restore and give meaning to life.

Keywords: Pope Francis. *Evangelii Gaudium*. illnesses curials. church in exit.

Introdução

Ao celebrar dez anos do pontificado do Papa Francisco, é possível olhar toda sua caminhada, contemplar as mudanças e reconhecer ações que foram fundantes na Igreja de Jesus Cristo. Neste caminho, algumas inquietações foram apresentadas pelo pontífice nos primeiros anos de seu pontificado, que ainda são marcantes e atuais em uma realidade enquanto Igreja e propagadores da Boa Nova. Dentre as diversas Exortações, Encíclicas, Cartas Apostólicas, Catequeses e Mensagens do Papa Francisco, três documentos ganharam destaque neste material: A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), o discurso do Papa de 22 de dezembro de 2014, “Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, para a troca de bons votos de natal” e, por fim, o discurso do Papa de 21 de dezembro de 2015, “Apresentação das felicitações de natal à Cúria Romana”.

Iluminados pela perícope de Mt 9,9-13, na qual Jesus se põe a mesa com os “publicanos e pecadores” (Mt 9,10), deixa-se claro que “os destinatários de sua missão não são os justos, mas os pecadores, a fim de que se convertam”.¹ É através da necessidade de se colocar a caminho, que este texto trabalhará, o chamado à uma “Igreja em saída”,² que vai ao encontro daqueles que são julgados e excluídos na sociedade atual. Chamados a agir, a exemplo do próprio Cristo, que se põe a partilhar o pão e ser

¹ MASCILONGO, P.; LANDI, A., *Evangelhos Sinótico e Atos dos Apóstolos*, p. 140.

² EG, 20.

comunidade com todos aqueles que estejam abertos a Boa Nova, à uma mudança de vida, a partir deste encontro com Deus. Seguindo por este caminho, através da Exortação Apostólica, busca-se elucidar os males que afetam a estrutura da Igreja, apresentando, segundo Francisco, as problemáticas que à afetam como verdadeiras doenças. O que seriam os remédios para tais sofrimentos, seguindo a Cristo, único e verdadeiro caminho que se põe junto e se faz disponível aqueles que estão doentes (Mt 9,12).

Em sua primeira Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium*, Papa Francisco apresenta sua plataforma pontifical. Destacando a necessidade de uma Igreja em saída, “baseada no dinamismo próprio da fé cristã, que é – por natureza – saída: saída de si e saída dos espaços de segurança”.³ Consiste em ir ao encontro de seu povo, conhecer suas necessidades e construir formas de “anunciar o evangelho a toda criatura” (Mc 16,15), principalmente aos mais necessitados do Senhor. Neste trabalho destaca-se o número 49 da Exortação, na qual todos são chamados efetivamente a ir ao encontro de “tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida”.⁴ Este número será dividido em 3 capítulos no decorrer do texto, apontando as enfermidades, os remédios e a necessidade curial de ir ao encontro do povo.

Dois discursos do Papa enriquecem este olhar a missionariedade da Igreja e para tal serão aqui abordados. Eles partem das felicitações do natal à Cúria Romana, nos anos de 2014 e 2015. Em 2014, Francisco discorre quinze “doenças curiais (...) que enfraquecem o nosso serviço ao Senhor”,⁵ apontando um distanciamento da própria Igreja de sua missão primeira, dando destaque ao corporativismo, ao esvaziamento espiritual e a burocratização da fé. Tais doenças fundamentam o primeiro capítulo deste material, são enfermidades que vão de encontro aos medos retratados pelo Papa em sua Exortação, e levam toda a Cúria a refletir frente a suas ações. Em 2015, o Papa lança mão de um acróstico, com a palavra misericórdia,⁶ para apresentar a Cúria Romana, e a todo povo de Deus, o que seriam os doze remédios para combater os males da Igreja, inclusive as quinze doenças apresentadas em dezembro do ano anterior. São estes doze pontos um verdadeiro manual, para todos os católicos bem viverem o “Ano Extraordinário da Misericórdia”⁷ (2015-2016), aberto por Francisco em dezembro de

³ CARMO, S. M. Do; AMARAL, J. V. Do., O discurso missionário de Mt 10, 5-16 e a eclesiologia missionária de Francisco, p. 619.

⁴ EG, 49.

⁵ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 3.

⁶ O acróstico apresentado com a palavra Misericórdia: Missionariedade e pastoralidade; Idoneidade e sagacidade; espiritualidade e humanidade; Exemplaridade e fidelidade; Racionalidade e amabilidade; Inocuidade e determinação; Caridade e verdade; hOnestidade e maturidade; Respeito e humildade; dadivosidade e atenção; Impavidez e prontidão; fiabilidade e prontidão (FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana).

⁷ O Jubileu Extraordinário da Misericórdia, chamado pelo Papa Francisco, teve como lema “Sede misericordiosos como o Pai”. Iniciou-se em 8 de dezembro de 2015, com encerramento em 20 de novembro de 2016. O Ano Santo marca as celebrações do 50º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II. A

2015. Estes remédios, junto a perícopes de Mateus 9,9-13, são base do segundo capítulo, apresentando as ferramentas para viver o que diz Francisco: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!”.⁸

Interpelados a olhar para as fragilidades do caminho de evangelização, aos apelos do Pontífice, por “pastores com cheiro das ovelhas”.⁹ Ouve-se o anúncio profético que encaminha a todos para o encontro do outro. Um chamado a combater as enfermidades da Igreja, decorrente deste distanciamento daqueles a quem se destina o próprio evangelho. É preciso ouvir os clamores do próprio Cristo que pede: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37), não tenham medo de ir ao encontro, de curar as feridas, expulsar os demônios e apresentar a todos o verdadeiro amor que vem do Pai (Mt 10,8). Isto constitui o terceiro capítulo deste material, embasado na perícopes de Mateus e nas felicitações de 2015.

1. As enfermidades de uma Igreja acomodada.¹⁰

Em discurso aos os cardeais e colaboradores da cúria romana, por decorrência das felicitações do natal de 2014, Papa Francisco dirige seu discurso para um momento penitencial, e motiva a todos dizendo que, “partindo precisamente deste pedido de perdão, queria que este nosso encontro e as reflexões que partilharei convosco se tornassem, para todos nós, apoio e estímulo para um verdadeiro exame de consciência”.¹¹ Desta forma o Papa discorre o que seriam as quinze doenças curiais, que afligem toda a Igreja, na esperança que “crescendo em comunhão, santidade e sabedoria [se possa] realizar plenamente a sua missão”.¹²

Destas quinze doenças, três delas caminham diretamente junto aos males apontados na *Evangelii Gaudium*, “uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”.¹³ São elas as 3 últimas doenças: “A doença do acumular (...) A doença dos círculos fechados (...) E a última: a doença do lucro mundano, dos exibicionismos”.¹⁴ Levado a preencher um vazio existencial, ou mesmo garantir uma segurança, marca diretamente um clero materialista, que se atenta mais às suas falsas necessidades do que a sua vocação primeira servir. A busca pelo poder, junto às necessidades de ser maior, ter o melhor, gera as divisões do corpo

iniciativa convidava os fiéis do mundo inteiro a celebrarem o Sacramento da Reconciliação. Em seu encerramento foi apresentada a Carta Apostólica *Misericordia et Misera*. FRANCISCO, PP., Carta Apostólica *Misericordia et Misera*.

⁸ EG, 49.

⁹ EG, 24.

¹⁰ EG, 49.

¹¹ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 2.

¹² FRANCISCO, PP., Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, p. 3.

¹³ EG, 49.

¹⁴ FRANCISCO, PP., Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, p. 6.

místico de Cristo, que é a própria Igreja (1Cor 12,27). Tais males, movidos pela soberba, acabam por dividir a Igreja, enquanto o próprio Jesus já ensina, que quem quiser ser o maior, seja o que se põe a servir (Mt 20,27).

Quando o Sumo Pontífice diz: “Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos”,¹⁵ duas doenças destacam-se: “A doença da indiferença para com os outros (...) [e] a doença da cara fúnebre”.¹⁶ Eis o mau social da inveja e do egoísmo, que se encontro naqueles que “escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade”,¹⁷ ao invés de se pôr a comunicar e ensinar os exemplos cristãos. São pessoas amargas, rudes, severas e melancólicas, que acabam por gerar um distanciamento para com o povo, transmitindo uma imagem austera e arrogante da Igreja, por buscar esconder seus medos e inseguranças. “O apóstolo deve esforçar-se por ser uma pessoa gentil, serena, entusiasta e alegre, que transmite alegria onde quer que esteja”.¹⁸ É preciso cativar pelo exemplo particular, no testemunho de vida pessoal de encontro amoroso com Deus, refletido no cotidiano da vivência com o outro. Este mergulho na realidade é fundante para a Teologia, que não é apenas uma ciência, mas que vive da missão evangelizadora e peregrina, não fechando-se as teorias de gabinete, assim nos lembra Dom Benedito Beni dos Santos, ao comentar a Exortação Apostólica EG: “Nesse sentido, podemos dizer que a verdadeira teologia é, por natureza, querigmática e cristocêntrica, isto é, elaborada em vista do anúncio de Jesus Cristo Filho de Deus e nosso Salvador”.¹⁹

Hoje a Igreja sofre com uma inversão de valores, na qual o pastoreio vem sendo substituído pelo administrativo. Como diz o Papa, segundo reportagem de Jesús Bastante, publicada por *Religión Digital*,²⁰ o clero tem se transformado em “funcionários do sagrado” sem um “coração de pastores”. A cultura do mundo corporativo dia-a-dia ganha espaço em meio a Igreja, e vem criando danos a vida pastoral das comunidades. Aqui destaca-se mais três doenças Curiais: “A doença do ‘martismo’ (que vem de Marta), da atividade excessiva (...) a doença do ‘empedernimento’ mental e espiritual (...) e a doença da planificação excessiva e do funcionalismo”.²¹ No evangelho de Lucas 10,38-42, na passagem “ouvir a palavra do Senhor”, Marta acolhe em sua casa o próprio Jesus, mas permanece em suas atividades, e não se permite viver a presença de Cristo. Maria, sua irmã, por sua vez, se põe aos pés de Jesus, acolhe a Ele, a sua palavra, o que inquieta Marta, que questiona Jesus sobre a ação de sua irmã, que não há ajuda com o trabalho, e Jesus lhe diz: “Marta, Marta! Você

¹⁵ EG, 49.

¹⁶ FRANCISCO, PP., Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, p. 5-6.

¹⁷ EG, 272.

¹⁸ FRANCISCO, PP., Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, p. 6.

¹⁹ SANTOS, B. B., Evangelizar com Papa Francisco, p. 14.

²⁰ BASTANTE, J., O Papa ataca os “funcionários do sagrado” sem “coração de pastores”, que vivem “em espírito de cruzada”.

²¹ FRANCISCO, PP., Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, p. 3-4.

se preocupa e anda agitada com muitas coisas; porém, uma só coisa é necessária, Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada” (41-42).

“Você se preocupa demais” (Lc 10,41). Eis uma marca atual da Igreja, atividades excessivas e burocráticas perturbam e ocupam o tempo e a mente daqueles que deveriam estar cuidando das necessidades espirituais e materiais do povo, mas se perdem nas administrações enfadonhas, se entregam ao stress, ao endurecimento dos corações e perdendo o sabor de sua vocação, perdendo “a sensibilidade humana, abrindo mão dos sentimentos de Cristo”.²² Nesta realidade a missão pode tornar-se meramente ativista, um trabalho que desgasta seus executores, que correm para cumprir todas suas atividades pastorais missionárias e burocráticas, não retiram seu tempo para descanso, para pôr-se aos pés do Senhor, reaver sua força e beber da fonte que alimenta sua caminhada e vocação, ou mesmo, se permitem descansar mental e corporalmente, reavendo as forças físicas necessárias para a jornada. Já nos diz o livro de Eclesiastes: “Para tudo há um momento e um tempo pra cada coisa” (Ecl 3,1). Esta burocratização funcionalista acaba por levar o clero a um comodismo estático, a doenças laborais, ou pior, a uma tentativa de “domesticação do Espírito Santo”, um impossível caminho que desuni e desarticula toda a Igreja, partindo de uma má administração preocupada com números e não com a vida.

Outras três doenças inquietantes, principalmente para uma conjuntura de Igreja, de pessoas que se colocam a seguir ao exemplo de Cristo, são: A doença de sentir-se ‘imortal’, ‘imune’ ou mesmo ‘indispensável’ (...) A doença das bisbilhotices, das murmurações e das críticas (...) A doença de divinizar os líderes”.²³ O mundo corporativo religioso, tem gerado patrões, pessoas que querem ser servidos, ao invés de servir (Mt 20,27-28), como nos pede Jesus. Estes se perdem nas estruturas, fazem delas seus reinados e acabam por abandonar sua verdadeira missão, a de serem pastores. Esta doença aflige em muito as estruturas da Igreja, e acaba por trazer para o seu meio os piores indivíduos do mundo corporativo, os “puxa-sacos”, carreiristas e oportunistas, que se só se importam com seus interesses, seu desenvolvimento e não mais conseguem mais se compadecer com a realidade. “O antídoto para esta epidemia é a graça de nos sentirmos pecadores e dizer com todo o coração: ‘Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer’ (Lc 17, 10)”.²⁴ Toda esta disputa pelo poder, alimenta difamações, calúnias, situações de ruptura das comunidades em prol de autopromoção e vantagens pessoais, mesmo a custo de humilhar seus pares.

Preocupado com os rumos que a estrutura da Igreja de Cristo vem tomando, o Papa Francisco ainda aponta que “mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos

²² FRANCISCO, PP., Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, p. 4

²³ FRANCISCO, PP., Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, p. 5-6

²⁴ FRANCISCO, PP., Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana, p. 5-6

tranquilos...”.²⁵ Estarão os cristãos se distanciando do cristianismo? Terão eles escolhido viver o medo do jugo social, optando por viver uma falsa proteção? Ou estarão os cristãos vivendo um novo farisaísmo?²⁶ Jesus se pôs a mesa, na casa de Mateus, com cobradores de impostos e pecadores,²⁷ e logo vem as críticas por parte dos fariseus e escribas (Mt 9,10). Estes fariseus e escribas, são reformistas judeus, voltados meticulosamente a lei, a pureza²⁸ e demais costumes ortodoxos, opositores e questionadores das ações e discursos de Jesus Cristo.

Partindo destas questões voltadas as grandezas pessoas, mais três enfermidades podem ser aqui apontadas: A “doença do “Alzheimer espiritual” (...) a doença da rivalidade e da vanglória (...) [e] a doença da esquizofrenia existencial”.²⁹ Esquecer-se da história da Salvação, da “compaixão de Deus para com seu povo” (Ex 3,7), do amor primeiro ensinado pelo próprio Cristo na Cruz. Ao abandonar o mandamento dado pelo próprio Cristo, que nos diz: “amai ao próximo como eu vos amei” (Jo 13,34), alimenta-se uma cultura egocêntrica, causadora de conflitos e divisões. Edificam-se muros, que distanciam as pessoas,³⁰ que pela falsidade de vidas místicas ou pietistas, buscam construir imagens as quais não correspondem a elas mesmas. Eis a hipocrisia e mediocridade daqueles que se esvaziaram de suas vidas espirituais e pastorais, se colocando apenas a viver as burocracias e comodismos do clericalismo,³¹ sem vivenciar a vida real, sem contemplar o Cristo vivo nos irmãos e irmãs. O clericalismo vem afligindo as estruturas da Igreja como um câncer, que se espalha pelo corpo, adoecendo as estruturas e corrompendo suas funções.

É necessário, nos diz o Papa, fugir da acédia egoísta,³² que leva a leigos e clérigos a fugirem do compromisso que os tirem de suas “zonas de conforto”. Diversas são as razões que podem levar a tal comportamento, seja as estruturas enrijecidas, que não aceitam mudanças, repetindo a famosa frase das comunidades cristãs, “sempre foi

²⁵ EG, 49.

²⁶ Este partido ou seita dentro do judaísmo é mencionado frequentemente nos evangelhos, quase sempre como extremamente hostil a Jesus. (...) Desprezavam o “povo da terra”, os ignorantes que não conheciam a lei nem se importavam com os esmeros da observância farisaica. Os evangelhos aludem por diversas vezes ao exclusivismo orgulhoso dos fariseus. (MACKENZIE, J. L., *Farisaísmo*, p. 339).

²⁷ O termo “pecadores” era usado para judeus que se omitiram diante da lei e também para gentios. Coletores e pecadores são um par comum no evangelho (Mt 5, 46; 11, 19; 18, 17; 21, 31s) e indica que a sociedade os considerava semelhantes. (BÍBLIA, A., Mt 9, 10, nota de rodapé).

²⁸ BÍBLIA, A., Mt 9, 10-13, nota de rodapé

²⁹ FRANCISCO, PP., *Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana*, p. 4-5.

³⁰ FT, 27.

³¹ O clericalismo é um mal que afasta as pessoas e especialmente os jovens da Igreja, torna os fiéis leigos infantis, reduz as mulheres a servas que, na Igreja, devem ser valorizadas e não clericalizadas. É verdadeiramente um 'mal muito feio que tem raízes antigas' e 'sempre tem como vítima o povo pobre e humilde' porque, para ser sincero, impede encontrar 'tempo para ouvir os sofredores, os pobres, os enfermos e os prisioneiros' que 'pertencem à Igreja por direito evangélico e obrigam à opção fundamental por eles'. (LEBRA, A., *Clericalismo*. Tradução RABOLINI, L., 25/07/2020).

³² EG, 81-82.

assim”, se recusando a construir novos caminhos, promover nossas ações. Existem ainda as propostas incabíveis de realização, que acabam por desanimar seus executores, quando não, são movidas pela vaidade ou orgulho de seus idealizadores. É dever de cada um “lançar pontes, projetar algo que envolva a todos”,³³ pondo fim a “cultura de muros”³⁴ que a sociedade contemporânea consolidou ao longo do tempo.

2. Pastores com cheiro das ovelhas³⁵

Diversos foram os espaços e situações, em que o Papa Francisco clamou para que a toda a Igreja, assumam seus papéis de serem uma “Igreja em saída”.³⁶ Ser pastores com cheiro de ovelhas, sem medo de se rebaixar, até mesmo humilhar-se para se pôr junto daqueles que necessitam. O número 49 da *Evangelii Gaudium* inicia exatamente com este chamado: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!”.³⁷ Eis o convite convocatório, para que os fiéis rompam as barreiras do comodismo e “avancem para águas mais profundas” (Lc 5,4). Dom Beni, recorda a todos que “antes de tudo, devemos recordar que a missão tem sua origem na própria Trindade (...) originou da missão do Filho e do Espírito, enviados pelo Pai ao mundo. O Filho e o Espírito foram os dois primeiros missionários”.³⁸ Deixando claro que foi pela missionariedade de Jesus e do Espírito Santo, que a Igreja construiu sua missão. Este chamado para se pôr em saída, consiste no ir ao encontro, viver a realidade do outro, é preciso viver “uma evangelização inculturada, cujo sujeito, como mostra o exemplo de São Paulo, não é o missionário enquanto indivíduo, nem o teólogo, nem o perito em antropologia, mas a comunidade eclesial assistida pelo Espírito Santo”.³⁹

É neste sair ao encontro, abrir-se a cultura do meio, que o pontífice nos chama a exercer o ser cristão, sentir compaixão e cuidar do outro, é promover uma “cultura do encontro”,⁴⁰ e permitir viver na diversidade a pluralidade do ser Igreja. O próprio Cristo nos dá isso ao se pôr junto aqueles, julgados e condenados pelo povo, como impuros e pecadores. As perícopes do evangelho de Mateus, retratam o chamado do apóstolo Mateus e também a “refeição com pecadores” (Mt 9, 9-13; Lc 5, 27-32), na qual Jesus se põe à mesa com estes. Jesus vai ao encontro do outro, vivendo suas limitações e dificuldades, conhecendo suas necessidades, vê o preconceito e o pecado, e ainda assim os chama: “Siga-me” (Mt 9,9). É neste pôr-se junto que Cristo restabelece a pessoa, a comunidade e a faz se colocar a caminho junto do mestre. Este chamado vocacional de

³³ FT, 216.

³⁴ FT, 27.

³⁵ EG, 24.

³⁶ EG, 20.

³⁷ EG, 49.

³⁸ SANTOS, B. B., *Evangelizar com Papa Francisco*, p. 19.

³⁹ SANTOS, B. B., *Evangelizar com Papa Francisco*, p. 13.

⁴⁰ EG, 220

Jesus a Levi (Mc 2,14; Lc 5,28), ou a Mateus, como relatado, mostra que Jesus não faz diferença entre as pessoas, mas acolhe a todos os que tiverem o coração aberto a acolher o chamado de Deus.⁴¹ Destaca-se nesta comparação dos evangelhos sinóticos a mudança de nome do cobrador de impostos chamado por Jesus. Se chamava Levi, mas após seu sim, aceitando o chamado de Jesus, não só apresenta o perdão concedido ao pecador, mas também a conversão, uma mudança de vida que resulta na identidade da pessoa.

Estar aberto ao chamado do Senhor e lançar-se nesta missão necessita de virtudes, como a “caridade e (a) verdade”.⁴² Duas virtudes indissolúveis da vida cristã: “testemunhar a verdade na caridade e viver a caridade na verdade” (Ef 4,15).⁴³ Assim diz Francisco em mais um de seus remédios a Igreja, não se trata de agir cegamente frente às realidades que se apresentam, sem esta parceria a missão se reduziria a idealismo ou justicialismo, que acabam por levar a uma glória van, ou a construir ainda mais barreiras no encontro dos irmãos e irmãs com o próprio amor de Cristo. É necessário coragem de assumir, com “honestidade e maturidade”,⁴⁴ este caminho. Ser honesto consigo, com seus projetos, sua vida e com Deus. Assumir responsabilidades consiste em estar maduro para alcançar “harmonia entre as nossas capacidades físicas, psíquicas e espirituais”.⁴⁵

A passagem continua: “Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores para o arrependimento” (Lc 5,32). É aqui que se respalda este apelo de ir ao encontro do povo, esta acolhida ao chamado vocacional, “seja porque afetam a vida e a dignidade do povo de Deus, [ou] (...) os sujeitos que mais diretamente participam nas instituições eclesiais e nas tarefas de evangelização”.⁴⁶ Assim afirma o Papa: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”.⁴⁷ É necessário colocar-se a caminhada, colocar-se a evangelizar e despertar esta vocação⁴⁸ que se dá na conversão. É preciso buscar uma vida moral inspirada em Jesus, viver a seu exemplo, pois “uma

⁴¹ Originalmente, na tradição Cristã primitiva, Existiam três textos distintos e separados: o relato da vocação de Levi ao discipulado, a discussão A propósito da participação de Cristo em um banquete, no qual sentavam-se pecadores públicos, e o dito de Jesus: de fato eu não vim para chamar aqueles que são fiéis, mas os pecadores. o primeiro... presente nos relatos de vocação, da prontidão da resposta ao chamado. Os crentes espalham-se nas figuras de Levi, fraudulento recolhedor de taxas que se tornou discípulo... é Jesus quem o convida a fazer parte da comunidade Messiânica (FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos I, p 166-167)

⁴² FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 4.

⁴³ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 3.

⁴⁴ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 3.

⁴⁵ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 3.

⁴⁶ EG 51

⁴⁷ EG 49

⁴⁸ Vocação: conforme Mc 2, 17 par. Mt 9, 13, Jesus” chama não os justos, mas os pecadores”. “Chamar” resume toda a pregação de Jesus: é oferecimento e exigência. No texto paralelo de Lc 5, 32 “chamar para a conversão” (BAUER, J. B., Vocação, p. 449)

pastoral em chave missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de doutrinas que tentam impor à força de insistir (...) o anúncio concentra-se no essencial”.⁴⁹

Na perícopre da refeição com os pecadores, Jesus ao ouvir os questionamentos dos fariseus, frente a Ele e seus discípulos, por estarem a mesa com cobradores e pecadores, responde: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. Aprendam, pois, o que significa: ‘Eu quero a misericórdia e não o sacrifício’” (Mt 9,12). O próprio Jesus lança mão de uma citação do livro de Oséias: “Porque é amor que eu quero e não sacrifício, conhecimento de Deus mais do que holocaustos” (Os 6,6), para apresentar o sentido de misericórdia,⁵⁰ este amor livre e bondoso que deriva da graça do próprio Deus e que convida a todos a sermos “misericordiosos como o Pai” (Lc 6,36). E é nesse carinho convidativo que Francisco abre sua saudação: “A misericórdia não é um sentimento passageiro, mas é a síntese da Boa Nova, é a opção de quem quer ter os sentimentos do ‘Coração de Jesus’”.⁵¹

Se os olhares forem ao encontro dos cobradores de impostos, Mateus apresenta homens que se encontraram com a graça de Deus. Compreende-se que pessoas adoecidas por uma sociedade corrompida, que não conheceram ou se distanciaram do amor do Pai, podem ser medicadas pela misericórdia. Está mesma misericórdia divina gera o equilíbrio humano entre “Racionalidade e amabilidade”,⁵² que se dá em saber diferenciar o sentimentalismo e a lógica danosa. É preciso uma renovação clerical, frente a uma perspectiva missionária, que combata a cultura do isolamento, da meritocracia, do comodismo burguês, que também afligiam aqueles homens apontados como impuros. “A missão e a busca da santidade implicam vida comunitária, presença no mundo, mas sem assumir o espírito do mundo: secularismo, consumismo, hedonismo, busca dos primeiros lugares”.⁵³ Apenas munidos pela “Impavidez e prontidão”,⁵⁴ pode o cristão superar os medos frente os desafios e as dificuldades, acreditando no caminho certo, confiante e pronto para a missão designada por Deus, desapegando-se de tudo o que pode desviá-lo ou atrasá-lo frente a sua missão.

⁴⁹ SANTOS, B. B., *Evangelizar com Papa Francisco*, p. 28.

⁵⁰ Misericórdia: Seguindo OS 6, 6, Jesus declara a primazia da Misericórdia, da caridade ativa, acima do sacrifício (Mt 9, 13; 12, 7; 23, 23). Deus mostra sua compaixão a quem é compassivo, mas não mostra a quem não o é (Mt 18, 32s; também o “assim como nós...” do Pai Nosso 6, 12; 6, 14s; Tg 2, 13). É por isso que nas listas de virtudes é citada a misericórdia humana (Ef 4, 32; 1Pd 3, 8); a impiedade figura nas listas de vícios. (BAUER, J. B., *Misericórdia*, p. 265).

⁵¹ FRANCISCO, PP., *Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana*, p. 5.

⁵² FRANCISCO, PP., *Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana*, p. 4.

⁵³ SANTOS, B. B., *Evangelizar com Papa Francisco*, p. 29.

⁵⁴ FRANCISCO, PP., *Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana*, p. 5.

3. Dai-lhes vós mesmos de comer (Mc 6,37)

Em 21 de dezembro de 2015, o Papa Francisco lança mão de um acróstico, com a palavra misericórdia, para apresentar à Cúria Romana o que seriam doze remédios para combater os males da Igreja, inclusive as quinze enfermidades apresentadas em dezembro do ano anterior. Este também é um manual para a Cúria Romana e para todos os católicos, afim de bem viverem o ano da misericórdia. Dentre os doze pontos, observe-se que o Sumo Pontífice chama a todos para agir a luz do próprio Cristo, frente às mazelas de uma sociedade corrompida, que como apresentado anteriormente também afligiu (e aflige) a Santa Mãe Igreja. Como podemos ver acima, quando se assume um chamado, não se pode fugir aos princípios da fé. Para tal, se faz importante salientar que a EG vem tratar “da conversão pastoral e missionária aos pobres, não só os desprovidos de bens materiais, mas todos aqueles que se encontram nas periferias existenciais”,⁵⁵ ou seja, todo aquele local onde existe angustia, sofrimento, abandono e exploração humana.

Ao observar as enfermidades da Igreja frente a sua missionariedade, Junior Amaral e Solange do Carmo, doutores em teologia pela FAJE, descrevem o que apontam como uma deformidade eclesial:

(...) a igreja, esquecida de sua tarefa missionária, curva-se em endogenia, pois circunscreve sua ação sobre si mesma. Cessa de olhar para fora e se põe a olhar para o próprio umbigo: sua subsistência, seu crescimento, sua defesa, suas regras e seus costumes, sua doutrina e sua moral, seu modo de ver a vida e o mundo. A Igreja adoece por fechamento. Obtusa, prefere a obscuridade da caverna das certezas à luz intermitente do diálogo. Para o Papa, não pode haver risco maior que a igreja não se abrir para o diálogo fecundo com o outro e ficar sentada confortavelmente em meio a seus interesses, esperando que as pessoas venham até ela.⁵⁶

Vê-se que “sem essa atitude de saída, a igreja fala para si mesma, para os que já possuem laços de pertença”,⁵⁷ e por diversas vezes também de maneira inadequada. Assim fica a questão: Como atingir tantos irmãos e irmãs que se encontram afastados da Graça e do Amor de Deus? Desta forma, se faz necessário uma disposição, assumir a missão de todo o cristão, de viver a “exemplaridade e (a) fidelidade”⁵⁸ frente ao testemunho evangélico. É a corrupção humana que viola a sacralidade do divino existente em cada irmão e irmã, que acaba por corromper a imagem da Igreja. “São

⁵⁵ SANTOS, B. B., *Evangelizar com Papa Francisco*, p. 23.

⁵⁶ CARMO, S. M. DO; AMARAL, J. V. DO., *O discurso missionário de Mt 10,5-16 e a eclesiologia missionária de Francisco*, p. 621.

⁵⁷ CARMO, S. M. DO; AMARAL, J. V. DO., *O discurso missionário de Mt 10,5-16 e a eclesiologia missionária de Francisco*, p. 622

⁵⁸ FRANCISCO, PP. *Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana*, p. 3.

inevitáveis, decerto, os escândalos; mas aí do homem por quem vem o escândalo” (Mt 18, 6-7). Apenas pelo exemplo fiel de seus pastores, suas lideranças e todo de todo aquele que se diz cristão, se é possível garantir sempre viva a Igreja de Jesus Cristo. Que o cristão não tenha medo de enfrentar as dificuldades do caminho, assumindo o respeito e a humildade como seus pilares. Saiba falar, ouvir, conduzir e guiar, na certeza de que nada se pode fazer sem o amor e a presença de Deus.

E diz o Papa: “Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida”.⁵⁹ Eis o primeiro passo, lançar-se ao encontro destes irmãos e irmãs que necessitam deste estar junto de Cristo, que também é a primeira virtude, ou remédio, apresentado por Francisco, a “Missionariedade e pastoreação”. É esta fecundidade e seguimento dos exemplos do próprio Cristo, que coloca, aqueles batizados, a comunicar com sua vida a Boa Nova do Reino, não temendo se gastar na defesa e salvação da vida dos irmãos e irmãs. Esta virtude aponta para a construção de uma “cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro”.⁶⁰ O Papa chama a criar laços, aproximar-se, tocar as feridas e se permitir ser tocado por quem sofre, compartilhar as dores “significa que nos apaixona, como povo, querer encontrar-nos, procurar pontos de contacto, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos”⁶¹ é uma forma de pôr fim à exclusão.

Ao sentar-se à mesa com cobradores e pecadores, Jesus não só incomoda os legalistas da época, mas também ensina seus discípulos a quem deve chegar à mensagem da salvação. É o próprio Cristo quem rompe com a lei da pureza, uma controvérsia para os fariseus, restaurando a dignidade daqueles homens. “Compartilhar uma refeição era claro sinal de identificação. A comunidade de Jesus, como sinal visível do Reino de Deus, está aberta aos excluídos de Israel (Mt 8,11)”.⁶²

Retomando a passagem de Mt 9,12: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes”. A Igreja Católica Apostólica Romana, leva cada membro deste corpo de Cristo a olhar suas enfermidades, por diversas vezes causadas pela tentação de ser cristãos distantes das chagas do Senhor, de se afastarem das dores e buscarem glórias, enquanto Ele espera de cada que vá ao encontro do abandonado, que se toque as misérias humanas, a carne sofredora dos outros. É um adentrar nas angústias humanas, mergulhando na vida concreta do outro, para conhecer e apresentar a força da ternura que vem de Deus. Não se pode conceber um discípulo de Cristo que

⁵⁹ EG, 49

⁶⁰ FT, 215

⁶¹ FT, 216

⁶² BÍBLIA, A., Mt 9,10-13, nota de rodapé

procura abrigos particulares ou comunitários para falsamente viver seu ministério⁶³ as custas da omissão para com o povo que sofre.

É para tal que Francisco recorda a todos, através da “espiritualidade e humanidade”,⁶⁴ dois importantes remédios para todo cristão. A espiritualidade é sustentáculo de toda missão, é ela que mantém os todos os olhares voltados ao amor que é o próprio Cristo, impulsionando a ser cura na vida de tantos irmãos e irmãs, todo discípulo necessita estar próximo de seu mestre, e somente pela espiritualidade cotidiana, que será possível ter este encontro com Cristo e compreender o papel de cada um em meio às dificuldades sociais e espirituais. Mas é claro, que para tal a humanidade é fundante, renunciar a ela é renunciar a tudo,⁶⁵ sem ela não haveria diferença dos homens para os animais ou máquinas. “A humanidade é saber mostrar ternura, familiaridade e gentileza com todos” (Fl 4, 5). É pela humanidade que o ser humano se torna empático com as realidades dos outros, pode comungar das dificuldades que afetam seus irmãos e irmãs e solidarizar-se com os mesmos, buscando fazer a diferença em suas vidas. Tal remédio vai de encontro ao que diz São Tiago em sua carta: “A fé sem obras é morta (2, 17).

Para que se possa vencer as culturas do individualismo e do egoísmo, todos são convidados a ter “Idoneidade e sagácia”.⁶⁶ Existe uma frase creditada a São Francisco de Assis, e a vários outros grandes nomes de diferencial e vivência de fê, que diz: “Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível”. Trata-se de desenvolver o melhor de cada um, colocar-se a serviço do que é justo e bom. Permitindo que tais vivências se afluam no interior, permitindo agir com criatividade e sabedoria frente às intempéries do dia-a-dia. O Papa também chama todos a viver a “Dadivosidade e atenção”.⁶⁷ É necessário confiar em Deus, em sua providência, apenas assim será possível entregar-se a missão, a “dadivosidade de alma”, que compreende que quanto mais se dá mais se recebe. Para ensinar este sentido de entrega, o pontífice pede a todos para que estejam atentas às realidades da sociedade e da Igreja, dispostos a oferecer o melhor de si. Assim ele provoca com uma frase de São Vicente de Paulo “Senhor, ajudai-me a dar-me conta, imediatamente, daqueles que estão ao meu lado, daqueles que vivem preocupados e desorientados, daqueles que sofrem sem o manifestar, daqueles que se sentem isolados, sem o querer”.

O número 49 da EG, busca incomodar a cada leitor, ao dizer que pior do que errar, é se fechar em estruturas e normas, que acabam por corromper cada homem e mulher, “enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37)”.⁶⁸ Cada um é chamado a agir com “Inocuidade

⁶³ EG, 270

⁶⁴ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 3

⁶⁵ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 4

⁶⁶ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 3

⁶⁷ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p. 5

⁶⁸ EG, 49

e determinação”,⁶⁹ agir com cautela e compreensão, permitindo que as ações de cada um, quem cuida e quem é cuidado, revele o melhor de si, com dedicação e vontade, sempre obedientes às leis de Deus.

Conclusão

Ao analisar as palavras do Papa Francisco, frente às dores e sofrimentos da Igreja de Jesus Cristo, torna-se impossível não buscar uma análise pessoal de vida. Quantas destas doenças afligem diretamente nossas realidades, nossas comunidades, famílias e de maneira pessoal a cada um de nós? Estaremos nós preparados, para buscar os remédios necessários para tais males? Esta saudação do Papa em 2014, deveria ser para cada cristão sua análise de consciência. A qual, toda a noite antes de dormir, olha para si e reconhece suas chagas, suas enfermidades, e busca através desta consciência, os remédios adequados a serem aplicados em sua vida para o próximo dia.

Quão nos parece óbvio e claro cada um dos remédios apontados pelo Pontífice. Mas, ao mesmo tempo, tais remédios, deveriam nos inquietar enquanto cristãos. Como podemos vivenciar nossas experiências com o Sagrado, principalmente nossos pastores, se não vivenciamos ou apresentamos princípios básicos do ser cristão, com a caridade, a verdade e a espiritualidade. Como podemos ser exemplo, se nos falta a maturidade, que um dia recebemos de cristãos fervorosos, que muitas vezes sem alfabetização, ensinavam a rezar com o coração, conversar com o Pai e nele depositar nossa confiança? Aqui cabe repetir: “Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida”,⁷⁰ isso inclui a cada cristão, que se vê preso nas enfermidades de uma Igreja que deixou Cristo, fora dela.

Eis o que principia o número 49 da Exortação Apostólica, anunciar este amor, esta Boa Nova do Cristo, que cada irmão e irmã carrega em seu interior, ao encontro daqueles que não o tem. É necessário ir às “periferias existências”,⁷¹ que muitas vezes se encontram sentadas ao lado de cada um de nós, dentro das Igrejas. É necessário, sair também ao encontro daqueles que clamam silenciosamente por socorro, e necessitam ter restauradas as suas dignidades, alguém que se sente ao seu lado e lhe restaure a dignidade. É preciso não ter medo de se sujar, de se lançar as feridas, ou mesmo as opressões de uma sociedade doente, para edificar novamente aqueles se encontram distantes da luz de Cristo, pois ele mesmo nos diz: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37).⁷²

⁶⁹ FRANCISCO, PP., Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana, p.4

⁷⁰ EG, 49

⁷¹ EG, 46

⁷² EG, 49



Referências Bibliográficas

BASTANTE, J. O Papa ataca os “funcionários do sagrado” sem “coração de pastores”, que vivem “em espírito de cruzada”. **Adital**. 29. Jul.2022. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620789-o-papa-ataca-os-funcionarios-do-sagrado-sem-coracao-de-pastores-que-vivem-em-espirito-de-cruzada>>. Acessado em: 01/03/2023

BAUER, J.B. **Dicionário Bíblico-Teológico**. São Paulo: Loyola, 2000

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 14. impr. São Paulo: Paulus, 2020.

BÍBLIA, A. Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.

CARMO, S. M. DO; AMARAL, J. V. DO. O discurso missionário de Mt 10,5-16 e a eclesiologia missionária de Francisco. **Horizonte** - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 19, n. 59, p. 608, 31 ago. 2021.

FABRIS, R.; BARBAGLIO, G. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 3 ed. 2014.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO, PP. **Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana**: Para a troca de bons votos de Natal. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/pa-pa-francesco_20141222_curia-romana.html>. Acessado em: 27 fev. 2023

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Misericórdia et Misera***. Brasília: Edições CNBB, 2016.

FRANCISCO, PP. **Apresentação das felicitações de Natal à Cúria Romana**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/december/documents/pa-pa-francesco_20151221_curia-romana.html>. Acessado em: 27 fev. 2023

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. Brasília: Edições CNBB, 2020.

LEBRA, A. Clericalismo. Tradução: RABOLINI, L. **Adital**. 25 Set. 2020 Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603184-clericalismo>>. Acessado em: 1 mar. 2023

MASCILONGO, P.; LANDI, A. **Evangelhos Sinótico e Atos dos Apóstolos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

MACKENZIE, J.L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2023v3n6p117

SANTOS, B. B. **Evangelizar com Papa Francisco**. São Paulo: Paulus, 2014

Jovanir Gonçalves da Cruz Junior

Graduado em Filosofia e graduando em Teologia pela PUC Campinas

Campinas / SP – Brasil

E-mail: jovanirjr@gmail.com

Recebido em: 23/03/2023

Aprovado em: 29/08/2023